SUCESSO E FRACASSO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CARÁTER BIBLIOGRÁFICO

Mariana Romeo Henriquez (IC) e Milena Colazingari da Silva (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada surgiu do interesse em problematizar o discurso educacional que relaciona o rendimento escolar com a origem social dos estudantes. Para tanto, recorreu-se ao estudo de duas obras fundamentais ao campo da educação, que discutem o rendimento escolar dos alunos das classes populares, porém sob perspectivas teóricas diferentes. A primeira obra, representante dos estudos no âmbito da psicologia da educação, foi escrita por Maria Helena de Souza Patto e intitulada **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. Nesta obra a autora debate a origem do fracasso escolar, questionando as ideologias que responsabilizam o aluno pobre por seu insucesso. A segunda obra pertence ao campo da sociologia educacional e foi elaborada pelo sociólogo francês Bernard Lahire. Em **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável, Lahire problematiza novamente a perspectiva que identifica às classes populares, o insucesso escolar. Neste livro, o autor apresenta histórias de êxito, justamente em meio aos alunos pertencentes a grupos sociais dos quais era esperado o malogro educacional. As duas obras em questão foram lidas, resumidas e analisadas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa essencialmente bibliográfica, exploratória e qualitativa. Como resultado, este estudo reúne um debate teórico que coloca em xeque as afirmações de senso comum que sediam no estudante das classes populares a origem do fracasso escolar. Debate-se o papel da escola no auxílio dos estudantes para levá-los ao aprendizado e o modo como configurações familiares distintas impactam o rendimento dos alunos, independente do seu capital econômico.

Palavras-chave: fracasso e sucesso escolar, escola, família

ABSTRACT

The research presented here arose from the interest in problematizing the educational discourse that relates school performance with the students' social background. In order to do so, we resorted to the study of two fundamental works in the field of education, which discuss the school performance of students from popular classes, but under different theoretical perspectives. The first work, representative of studies in the field of educational psychology, was written by Maria Helena de Souza Patto and entitled "The production of school failures: histories of submission and rebellion". In this work, the author debates the origin of school failure, questioning the ideologies that blame poor students for their failure. The second work belongs to the field of educational sociology and was written by the French sociologist Bernard Lahire. In school success in popular classes: reasons for the improbable, Lahire once again

problematizes the perspective that identifies school failure to popular classes. In this book, the author presents success stories, precisely among students belonging to social groups from which educational failure was expected. The two works in question were read, summarized, and analyzed. It is, therefore, an essentially bibliographical, exploratory, and qualitative research. As a result, this study brings together a theoretical debate that calls into question the statements of common sense that are based on students from the popular classes as the origin of school failure. It debates the role of the school in helping students to lead them to learning and distinct family configurations impacting student performance, regardless of their economic capital.

Keywords: failure and success in school, school, family

1. INTRODUÇÃO

Há muito tempo têm-se discutido a respeito das origens do fracasso escolar e suas consequências sociais. Em estudo recente divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a infância (Unicef), com dados nacionais referentes ao ano de 2019, afirma-se que: “Indígenas, negros, nordestinos e nortistas são maioria entre os 2,1 milhões de estudantes de escola pública reprovados no país em 2019”. Alunos portadores desse mesmo perfil também representam a maior parte entre os que abandonam a escola e que sofrem com a distorção idade-série no ensino básico brasileiro. De acordo com o documento, o tema em questão envolve um desafio de longa data a ser enfrentado, cuja permanência prejudicará o desenvolvimento de nossa juventude. Encontra-se aqui, portanto, a justificativa da pesquisa elaborada.

Existem diversas vertentes de estudo sobre o tema do fracasso escolar, que envolvem não apenas os professores e seus alunos, mas também o sistema de ensino, os métodos de avaliação e o currículo escolar. Por volta da década de 1970, compreendia-se que o fracasso escolar era um problema do aluno, devido ao seu déficit cultural. Assim, a teoria estadunidense de carência cultural chegou ao Brasil e deixou suas marcas nos modos de interpretação do fracasso escolar, ainda presente no discurso educacional. Contudo, estudos como o da pesquisadora especialista em psicologia escolar, Maria Helena Souza Patto, trouxeram uma nova perspectiva para a questão. Por meio de seus trabalhos a interpretação do fracasso escolar assume um novo significado: o problema já não é mais identificado na pessoa do aluno, mas passa a ser compreendido como uma produção da própria instituição escolar.

Para além dos estudos na área da Psicologia da Educação, investigações na área da sociologia da educação passaram a questionar a relação entre as classes sociais mais baixas e a ocorrência do fracasso escolar. Neste caso, chama a atenção o trabalho do sociólogo francês Bernard Lahire. Para responder alguns questionamentos talhados na teoria de Bourdieu, Lahire elaborou sua própria pesquisa, a fim de desenvolver seu trabalho direcionado às áreas de educação e cultura, com algumas temáticas que ainda são discutidas, como as funções das escolas/ instituições e a origem da desigualdade escolar.

Lahire tomou as teorias da reprodução elaboradas por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, na qual os autores afirmam que as classes favorecidas possuem certos recursos econômicos, culturais e sociais que, se herdados por seus filhos, serão determinantes em seu sucesso escolar. Por outro lado, estudantes das classes populares reúnem pouco capital herdado, apresentando maiores dificuldades escolares e sendo submetidos ao fracasso. Contudo, nutrido por um outro ponto de vista, Lahire investigou diferentes casos de sucesso

escolar em meio a alunos oriundos de famílias das classes populares. Esse estudo foi publicado em sua obra **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. Por meio desse estudo, Lahire estabeleceu uma hipótese de que existem diferenças secundárias entre os perfis familiares das classes populares, como por exemplo, sua composição e as práticas culturais nelas existentes, que explicam as variações das performances escolares das crianças analisadas, devido aos seus contatos com “experiências socializadoras diferenciadas” (NOGUEIRA, 2013, p.3).

Considerando-se o tema do fracasso escolar e os estudos elaborados por Patto e Lahire, a pesquisa fundamentou-se nos seguintes questionamentos: “Estaria a experiência do fracasso escolar associada somente aos alunos das classes populares? Seria possível aos alunos das classes populares a experiência do sucesso da aprendizagem nas escolas?”.

A partir dessas perguntas, é possível afirmar que o objetivo principal do trabalho consiste na problematização do senso comum sobre a origem do fracasso escolar, diretamente associada às classes sociais populares, a partir dos estudos elaborados pelos sociólogos Bernard Lahire e Maria Helena Souza Patto.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O ESTUDO DO FRACASSO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA E SOCIAL

A obra “A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia”, escrita pela psicóloga e doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela USP (Universidade de São Paulo), Maria Helena de Souza Patto, teve sua primeira edição publicada em 1990. Foi um livro que gerou um grande impulso para as discussões sobre o tema até os dias atuais e teve uma grande relevância para os pesquisadores de educação, corpo docente e psicólogos escolares. A partir de sua escrita, a autora apresenta uma nova interpretação sobre o fracasso escolar.

A fim de compreender melhor os motivos das altas taxas de repetência e evasão nas escolas públicas de primeiro grau, atual ensino fundamental, e sua inconformidade com as explicações dadas, carregadas de preconceitos e estereótipos sobre o fracasso escolar, a autora decidiu estudar o fenômeno, produzindo outras formas de compreensão acerca do mesmo.

Na primeira parte de seu livro, Patto (1999) apresenta o fracasso escolar, em suas raízes, como fruto da sociedade capitalista, uma vez que ele se escancara nas situações e contextos sociais dos indivíduos mais pobres. De acordo com a autora, as revoluções Francesa e Industrial, entre os anos de 1850 e 1930, atuaram como marcos, visto que: “datam desta época as primeiras tentativas de comprovação empírica das teses da inferioridade racial

de pobres e não-brancos (...) e o racismo, (...) foi uma forma de justificar as diferenças entre classes” (PATTO, 1999, p. 52 e 53). Além disso, também há informações que indicam a grande influência das teorias e pensamentos europeus entre os escritores brasileiros, os quais defendiam a superioridade de determinadas etnias. Levando-se em consideração a grande influência de teorias estrangeiras no pensamento brasileiro, não se pode esquecer da Teoria das Raças e a Teoria da Carência Cultural, que marcaram a história do fenômeno discutido.

A Teoria das Raças tinha como pressuposto a justificativa das desigualdades sociais através das raças dos indivíduos, ou seja, a raça branca europeia era considerada como superior às raças miscigenadas e aos negros, que eram considerados inferiores e incapacitados. Já a Teoria da Carência Cultural alegava que o fracasso escolar era consequência da precariedade sociocultural de crianças pobres. Além dessas duas teorias utilizadas na explicação da ocorrência do fracasso escolar, havia também o conceito da hereditariedade, com a influência de Francis Galton, cujo objetivo “era medir a capacidade intelectual e comprovar a sua determinação hereditária” (PATTO, 1999, p. 58 e 59) e as teorias médicas com a “compreensão e solução dos problemas sociais através de programas de medicina social” (PATTO, 1999, p. 104), tendo a higiene mental como aliada na correção de desvios.

No cenário nacional, o médico Arthur Ramos contribuiu decisivamente para com a psicologia educacional brasileira, pois estabeleceu conexões do pensamento educacional com as teorias médicas da época, que sofriam grande influência das teorias racistas. Nesse contexto, é importante salientar que para auxiliar no processo denominado de higiene mental, os “médicos passaram a lecionar nas escolas normais” (PATTO, 1999, p. 106), e, a partir daí, os primeiros retratos psicológicos dos brasileiros passaram a ser formulados. Sendo assim, Ramos concluiu que a cultura brasileira é permeada de defeitos e passou a utilizar o conceito de criança problema ao invés de criança anormal, pois aquela seria passível da correção de seus desvios, além da mudança do foco do fracasso escolar não estar presente na hereditariedade, e sim, nos determinantes da personalidade, como por exemplo a influência do meio, principalmente dentro dos ambientes familiares, pois acreditava que eles originavam os desajustes das crianças no ambiente escolar, considerando sempre “casos de crianças do ‘morro’, da ‘favela’ e do ‘barraco’.” (PATTO, 1999, p. 110).

Em todas essas ideologias mencionadas, Patto (1999) observa que a criança carente está sempre no foco do problema, como pertencentes a um ambiente familiar culturalmente precário ou centro da patologização e conclui que mesmo com o passar dos anos a explicação de que as crianças pobres não conseguem aprender na escola persiste, sendo entendida como consequência de suas deficiências biológicas, psíquicas ou culturais.

Dentro de seu objetivo, a autora ainda aponta a ocorrência de estudos nos anos de 1938 a 1956, que passaram a observar as questões intraescolares em sua relação com o fracasso escolar, mas que não tiveram resultados expressivos no cenário educacional, pois “tais pesquisas confirmam aos educadores a propriedade de sua visão preconceituosa das crianças pobres e de suas famílias, impedindo-os, assim, de olhar para a escola e a sociedade em que vivem com olhos mais críticos” (PATTO, 1999, p. 74).

Neste contexto, os profissionais da educação passaram a ter a responsabilidade de aceitar os padrões sociais diferentes dos seus alunos, a fim de induzi-los a encontrarem condições e estratégias pedagógicas “para aculturar seus alunos e propiciar-lhes condições de ascensão social” (PATTO, 1999, p. 149), pois o conceito de mobilidade social das classes populares como responsabilidade e meta da escola era existente e intenso, sendo importante ressaltar que o sistema de ensino era utilizado como instrumento de dominação cultural e que deveria ser um espaço onde as transformações seriam passíveis de acontecerem.

Mesmo com a criação de programas elaborados para melhorar os fatores intraescolares envolvendo, por exemplo, a capacitação de professores, a ideia da necessidade de a escola atender os alunos carentes ainda se encontrava presente, enfatizando-se o atraso do desenvolvimento e a falta de aptidão dos alunos pertencentes às classes populares, pois era o que o senso comum levava a acreditar.

A fim de auxiliar na elaboração da origem do fracasso escolar, Patto (1999) menciona o trabalho de Poppovic (1972), que afirmava a impropriedade de alguns termos anteriormente utilizados por outros educadores e psicólogos educacionais, como “privação”, “carência” e “deficiência cultural”, pois alteravam o sentido do que seria mais uma ausência cultural, reiterando a ideia de que “gente que não tem alguma coisa que os outros têm é gente diferente” (PATTO, 1999, p. 126). Além disso, Poppovic (1972 apud PATTO, 1999) propôs a substituição desses termos por “marginalização cultural”, visto que evidenciaria a existência de um processo sofrido e não uma condição estática, infame e negativa. Feito isso, Poppovic (1972 apud PATTO, 1999) passou a afirmar a existência dessa marginalização a partir da análise de padrões educacionais e de fatores ambientais que interferiam negativamente na formação cultural, atitudinal e afetiva, considerados essenciais para o desenvolvimento cognitivo e à adaptação das crianças na escola, declarando que:

No momento que uma dessas crianças sai do ambiente familiar e passa a frequentar a escola, depara-se com uma instituição organizada, mantida e regida pela classe média, que possui padrões culturais bem diversos dos que lhe foram dados e dos que continuará a assimilar no seu ambiente. Inicia-se então para elas um processo de marginalização que é realizado inconscientemente através do desconhecimento total dos professores - na grande maioria pertencentes à classe média - sobre a população de alunos com a qual estão lidando. (POPPOVIC, 1972, p. 245 apud PATTO, 1999, p.128).

Considerando todos esses aspectos relacionados à pesquisa educacional referente ao fracasso escolar e com a preocupação de pedagogos, psicólogos e pesquisadores em elaborar programas educacionais e currículos mais adequados às classes populares, a autora também menciona outra produção de Poppovic (1972 apud PATTO, 1999), publicada nos **Cadernos de Pesquisa**, revista da Fundação Carlos Chagas. Seu artigo foi dedicado ao estudo das influências dos fatores externos no rendimento escolar dos alunos, relacionando as características do ambiente familiar com o rendimento escolar, objetivando localizar os determinantes desse baixo rendimento. Para Poppovic (1972 apud PATTO, 1999, p. 29 e 30) se a escola “(...) não considerar a realidade sociopsicológica do aluno marginalizado culturalmente”, a mesma não poderia “eximir-se de certa responsabilidade” por esse fracasso. Tal posicionamento de Poppovic (1972 apud PATTO, 1999) foi significativo no sentido de atribuir à escola certa participação no fracasso escolar das crianças oriundas das classes populares, contudo, as causas do fracasso escolar ainda se concentravam nos alunos de baixa renda, atribuindo à escola apenas uma parcela mínima de responsabilidade por não se adequar ao estudante, deixando de lado as causas intraescolares e as críticas ao sistema de ensino nacional.

De acordo com Patto (1999), uma nova visão sobre o fenômeno do fracasso escolar foi observada a partir do pensamento de Nádya Franco da Cunha (1970 apud PATTO, 1999), o qual apontou que o sistema de ensino brasileiro era um instrumento de discriminação e estratificação social, pelo fato das escolas não atentarem para as especificidades das classes populares. Sob o ponto de vista da autora, as escolas eram adequadas somente às crianças das classes favorecidas, visto que a professora primária, considerada como pertencente à classe média, era incapaz de ensinar às crianças carentes, mostrando-se insensível às suas formas de pensamento, vivências e sentimentos, devido à sua origem social.

Sob a perspectiva da produção acadêmica internacional acerca do tema, Patto (1999) afirma que o meio educacional sofreu outra grande influência, dessa vez das teorias crítico-reprodutivistas, nos anos de 1960 e 1970, as quais forneceram instrumentos para a análise das instituições sociais, consideradas como ambientes onde se propagava a dominação cultural e causando modificações nas pesquisas relacionadas ao fracasso escolar. Essa influência foi representada pelos autores Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, a partir da apresentação de uma nova perspectiva: compreender o papel atribuído à escola, com a análise das instituições sociais, visto que, conforme essa teoria, as escolas reproduziam as relações de exploração que ocorriam na sociedade capitalista. A partir das concepções de Bourdieu e Passeron, deu-se uma mudança no pensamento educacional brasileiro, considerando-se três aspectos: 1) melhor visualização da relação professor-aluno; 2)

focalização na dominação e discriminação sociais presentes no sistema de ensino; 3) possibilidade de refletir a educação a partir de elementos sociais.

Tendo como sustentação tal concepção teórica, na segunda parte de seu livro, Patto (1999) dedicou-se a uma pesquisa de campo realizada com quatro crianças repetentes, que a levaram a concluir como os discursos ideológicos interferem negativamente no processo de ensino-aprendizagem, através do contato com a família do aluno, bem como diretores, professores, alunos e a equipe pedagógica. Esses discursos ideológicos eram proferidos pelo corpo docente, carregados de preconceitos e estereótipos que levaram as famílias e as próprias crianças a se convencerem de que a reprovação ou a dificuldade escolar era única e exclusivamente causada por eles. A autora ainda afirma que as professoras reproduziam discursos de violência, discriminação e patologização desses alunos, estando tal modo de ver os alunos arraigado em seus pensamentos.

Levando-se em consideração sua revisão teórica sobre o tema e sua pesquisa de campo, Patto (1999) levantou algumas conclusões: as teorias sobre fracasso escolar focalizam no déficit e nas diferenças culturais e requerem revisões que considerem as ferramentas utilizadas pelas escolas, que dificultam a aprendizagem; o fracasso escolar de escolas públicas é consequência de um sistema de ensino carregado de obstáculos que interferem em seus objetivos finais e; o fracasso escolar é autenticado e sustentado por um discurso científico.

Sendo assim, em sua obra completa, a autora promove a ruptura de análises históricas das causas do fracasso escolar, de forma que o mesmo não deve ser entendido em sua individualidade, mas como pertencente a um contexto social. Através de suas pesquisas, Patto (1999) considera o fracasso como uma produção histórica e social, devido ao seu esforço em construir esse conceito de modo amplo, observando suas causas e consequências.

RETOMADA DA OBRA “SUCESSO ESCOLAR NOS MEIOS POPULARES: AS RAZÕES DO IMPROVÁVEL” DE BERNARD LAHIRE

A obra “Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável” foi publicada no Brasil em (1997) e escrita por Bernard Lahire, sociólogo francês, professor de sociologia da École Normale Supérieure de Lyon (França) e pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). Por ter nascido em um bairro operário e ter sido o primeiro em sua família a chegar à universidade através de sua trajetória escolar bem-sucedida, ele passou a se questionar sobre quais eram as razões que levavam as crianças ao sucesso ou ao fracasso escolar, especificamente entre aquelas oriundas das classes populares, a respeito das quais acredita-se pouco no sucesso educativo.

Em seu trabalho, o autor analisa casos de sucesso e de fracasso entre crianças com idade de oito anos, originárias das classes populares de Lyon. A base de sua investigação é a busca por diferenças secundárias entre as famílias populares, mas que de certa forma, possuem traços semelhantes quando analisadas genericamente. A título de exemplo, famílias com baixos níveis de escolaridade e de renda, mas cujos filhos apresentam resultados escolares bastante diferentes. A partir disso, Bernard Lahire estabelece o foco de sua obra: analisar as diferentes especificidades dos contextos de socialização entre família e escola, relacionando-os com as disposições sociais, arranjos mentais e comportamentais de cada criança entrevistada e investigada. Sua pesquisa partiu das seguintes indagações:

Quais são as diferenças internas aos meios populares suscetíveis de justificar variações, às vezes consideráveis, na escolaridade das crianças? O que pode esclarecer o fato de que uma parte delas, que tem probabilidade muito grande de repetir o ano no curso primário, consegue escapar desse risco e até mesmo, em certos casos, ocupar os melhores lugares nas classificações escolares? (LAHIRE, 1997, p. 12)

Levando-se em consideração essas questões iniciais mencionadas em seu livro, Lahire estabelece o seu objeto de pesquisa fundado em diferentes fontes, sendo a pesquisa de campo a principal delas. Ele iniciou sua investigação com a entrevista de 26 famílias em seus respectivos ambientes domiciliares e anotações etnográficas sobre os diferentes contextos observados; entrevistou também as crianças; suas professoras - tanto no início quanto no final do ano letivo -, além de ouvir os diretores das respectivas escolas e analisar as fichas escolares e os cadernos de avaliação desses alunos.

Para que haja a melhor compreensão da obra de Lahire (1997) é necessário, inicialmente, contextualizar os fenômenos a serem investigados. O autor deseja compreender o “sucesso” e o “fracasso” escolar de alunos das classes populares, mas através de uma perspectiva minuciosa, desprendendo-se da análise das configurações familiares particulares e de termos genéricos como “origem”, “meio” e “grupo” social, afirmando que “ao construir contextos mais restritos, somos logicamente levados (...) a desconstruir as realidades que os indicadores objetivos nos propõem, a heterogeneizar o que havia sido, forçosamente, homogeneizado em uma outra construção do objeto.” (LAHIRE, 1997, p. 33).

Conseqüentemente, o autor expõe a necessidade da mudança de perspectiva analítica, com a atenção agora voltada para o microssocial. De acordo com Lahire (1997) os indivíduos se constroem a partir de uma variedade não homogênea do mundo social, de forma que os “exemplos caricaturais ideais” são criticados por não corresponderem à realidade social bastante diversificada. Assim, o autor propõe um olhar atento às diferentes experiências de socialização a que um ator social é submetido, trazendo a si mesmo uma pluralidade de disposições adquiridas/incorporadas, as quais servirão como guias em seus contextos de ação. Nesta passagem da análise coletiva para a individual, abandona-se as generalizações,

as grandes estatísticas e ganha destaque a realidade individual, muito mais complexa e diversificada (NOGUEIRA, 2013).

No caso das crianças estudadas por Lahire (1997), observa-se que apesar de possuírem uma origem próxima sob a perspectiva socioeconômica, existiam diferenças secundárias vinculadas às práticas e dinâmicas familiares, que trouxe a cada uma delas experiências socializadoras distintas, fazendo com que estabelecessem relações singulares com a escola e em seus processos de aprendizagem.

Deve-se destacar, também, que Lahire (1997) sofreu significativa influência do conceito de configuração social formulado por Norbert Elias, ao elaborar sua antropologia da interdependência. Esse conceito circulou no livro aqui em estudo, através de duas perspectivas. A primeira delas envolveu a busca das configurações e identificação dos perfis familiares, sobre a descrição e investigação das diferentes formas de socialização familiar. Já a outra perspectiva refere-se à compatibilização entre esses perfis familiares pesquisados e às exigências escolares, sendo esta, uma configuração social mais abrangente.

Considerando o conceito de interdependência a partir do ponto de vista familiar, Lahire (1997) destaca que a heterogeneidade interna das famílias interfere nos processos de socialização vivenciados pelas crianças. Há casos em que membros da família extensa (avós, tios, irmãos...), atuam fortemente no processo formativo dos mais jovens, tanto em sua socialização como também em seu processo de escolarização. O empenho do autor em identificar a heterogeneidade das famílias responde ao seu interesse em individualizar sua análise sociológica. Nas palavras de Nogueira (2013, p.12):

Para entender os resultados escolares de uma criança específica não bastaria a caracterização geral e abstrata do grupo social a que ela pertence. Seria necessário investigar a configuração familiar concreta na qual ela está inserida, a força relativa dos laços de interdependência que a unem a cada um dos membros do grupo (...). Conforme estejam mais ou menos presentes e atuantes, pais, mães, irmãos ou avós terão oportunidades maiores ou menores de estreitar seus laços com a criança e, de alguma forma, influenciá-la em diferentes aspectos.

Assim, Lahire (1997) afirma que o desempenho cognitivo e comportamental das crianças deve ser entendido a partir da reconstituição de suas redes de interdependência ou “teias familiares”, que são responsáveis pela estruturação de seus protótipos de percepção, julgamento e avaliação, analisando como eles se manifestam e reagem quando expostos à determinadas situações sobre o funcionamento das formas escolares. Quanto a isso, ele aponta:

Se a família e a escola podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o fracasso ou o sucesso escolar podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos

elevado de dissonância ou de consonância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência a outra. (LAHIRE, 1997, p. 19 e 20)

Considerando-se mais especificamente a estrutura da obra e os conteúdos presentes em cada subtema ou capítulo, é imprescindível que se inicie do capítulo um: “O ponto de vista do conhecimento”, no qual Lahire (1997) apresenta a sua concepção de criança, de forma que seus comportamentos, personalidades, ações e reações só são passíveis de compreensão quando analisados dentro de suas relações familiares, as quais a criança não necessariamente reproduz diretamente, mas sim, as utiliza como base para sua construção cognitiva e comportamental.

Ainda nesse primeiro capítulo, o autor apresenta a pluralidade das configurações familiares presentes nos meios populares, apresentadas no decorrer da obra, sendo possível compreender o seu principal objetivo: analisar e descrever as configurações particulares a partir das “combinações específicas de traços gerais”. Para que esse objetivo fosse primeiramente atingido, Lahire (1997) definiu cinco temas para sua pesquisa: as formas familiares de cultura escrita; as condições e disposições econômicas; a ordem moral doméstica; os modos familiares de investimento pedagógico e as formas de autoridade familiar. Esses temas são de extrema importância para a compreensão do restante da obra, pois possuem relação direta com as características individuais necessárias para entender o desempenho das crianças no ambiente escolar.

O primeiro desses cinco temas aborda os hábitos cotidianos necessários para adaptação escolar das crianças, pois entende-se que o ambiente escolar é fundamentado em saberes escritos, ou seja, há necessidade de familiarização com a leitura e escrita por parte dos alunos, adquirida de forma inconsciente por parte deles, a fim de contribuir com o seu sucesso escolar. Sobre as condições e disposições econômicas e a ordem moral doméstica, pode-se estabelecer uma certa relação com o tema anterior, porque as condições materiais são indispensáveis para amparar as necessidades das crianças, sempre considerando que a ordem moral e material doméstica têm suas relevâncias no desenvolvimento escolar, de forma a serem também consideradas como uma ordem cognitiva. Por fim, sobre os últimos dois temas, os modos familiares de investimento pedagógico e as formas de autoridade familiar também têm relação direta com o desenvolvimento da criança, os quais podem ser considerados ou não como facilitadores para a adaptação das mesmas à cultura escolar.

Lahire (1997) destaca que os adultos pertencentes ao meio de convívio das crianças transmitem às mesmas não somente informações objetivas sobre o mundo escolar, mas também sua perspectiva subjetiva e emocional, fundamentada em suas experiências escolares anteriores. Assim, “(...) experiências de sofrimento, fracasso, humilhação ou, ao contrário, de sucesso e realização pessoal vividas na escola tenderiam a ser repassadas às

crianças, mesmo que de maneira involuntária.” (NOGUEIRA, 2013, p.13). Essa transmissão, daria às crianças um sentido do que seria a escola e o processo de escolarização. Como forma de exemplificação, “um pai que escuta atentamente o filho e o questiona de maneira interessada sobre as suas atividades na escola demonstraria, mesmo que de forma não intencional, a importância que atribui à vida escolar da criança.” (Ibid, p. 13). Mesmo que sutis, esses elementos devem ser considerados para que se conheça o lugar da escola no processo de socialização de um indivíduo.

Além disso, o autor também menciona a importância do capital cultural na vida escolar dessas crianças. Primeiramente, é importante compreender que os capitais escolares não existem de maneira genuína e concreta, mas sim, dependem de disposições escolares e situações sociais determinadas (ABRANTES; AMÂNDIO, 2014). Dessa forma, Bernard Lahire (1997) analisa casos particulares de certas configurações familiares que desencadearam o sucesso de algumas crianças na escola, considerando principalmente os fenômenos de herança e transmissão cultural que são utilizados como uma construção e apropriação:

(...) o capital cultural está em parte condenado a viver no estado incorporado, a sua transmissão ou herança dependem dos seus portadores: da sua relação com a criança, da sua capacidade em encarregar-se da sua educação, da sua presença junto deste último ou, enfim, da sua disponibilidade para transmitir à criança certas disposições culturais ou para acompanhá-la na constituição de suas disposições (LAHIRE, 1995, p. 89)

Ademais, é possível considerar que Lahire (1997) utiliza dos conceitos de capital cultural familiar objetivado e capital cultural incorporado. O primeiro conceito é explicitado nos “casos em que as famílias compram livros e os disponibilizam aos filhos que, por não terem o capital cultural incorporado, nada podem desfrutar de tais livros” (PEREIRA, 2005, p. 65). Trata-se de famílias que não conseguem ajudar seus descendentes na construção de seus próprios capitais culturais, por falta de tempo ou esforço. Sendo assim, Lahire (1997) afirma que de nada adianta as famílias terem capital cultural se elas não conseguem transmiti-lo aos seus filhos:

Se o capital ou as disposições culturais estão indisponíveis, se “pertencem” a pessoas que, por sua posição na divisão sexual dos papéis domésticos, por sua situação em relação às pressões profissionais, por sua maior ou menor estabilidade familiar, por sua relação com a criança, não têm oportunidade de ajudar a criança a construir suas próprias disposições culturais, então a relação abstrata entre capital cultural e situação escolar das crianças perde a pertinência. (LAHIRE, 1997, p. 339)

De modo geral, o que Lahire (1997) apresenta em seu trabalho é um estudo de sociologia da educação, sob a dimensão do indivíduo. Nesse sentido, as relações que uma criança mantém com a escola e seus resultados, em termos de aproveitamento, responde aos processos de socialização, em especial familiar, por ela vivido. Sob o ponto de vista de Nogueira (2013), cada família oferece um conjunto de experiências socializadoras que levam

a criança a incorporar um conjunto específico de disposições. Tais disposições a tornaria, por fim, mais ou menos apta a responder as exigências impostas pela escola. Nos meios populares, quanto mais as práticas de socialização se aproximam dos princípios educativos escolares, maior a chance de alcance do sucesso escolar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da escrita desse trabalho, é importante primeiramente lembrar os objetivos do mesmo. Conforme a leitura e análise dos autores mencionados, o objetivo da pesquisa consiste na problematização da criança pertencente às classes populares constantemente associada ao fracasso escolar. Sendo assim, a partir das obras de Maria Helena Souza Patto e de Bernard Lahire, há a intenção de contrapor esse ideário.

É necessário, primeiramente, retomar o contexto histórico do fracasso escolar como elemento de pesquisa sociológica. O problema do fracasso e do sucesso escolar foi propagado a partir da 2ª guerra mundial, com a democratização do ensino, mas foi na década de 1960 que o assunto ganhou repercussão no meio educacional e uma boa produção teórica.

Com a expansão do acesso ao ensino, a escola passou a receber um público mais heterogêneo, onde os resultados escolares desfavoráveis dos filhos das famílias de baixa renda ganharam visibilidade nas estatísticas educacionais, dando origem às pesquisas, sendo chamado convencionalmente de fracasso escolar. Sendo assim, dois conceitos atuam no centro desse debate sobre fracasso e sucesso escolar: o da carência sociocultural e o da reprodução social e cultural.

Durante as décadas de 1960 e 1970, estudos no campo da sociologia passaram a explicar que os alunos não fracassavam por sua falta de aptidão, mas sim, por causa de seu contexto econômico e cultural, que resultavam em déficits culturais, linguísticos, etc., causados especificamente por sua família, que não proporcionava os estímulos necessários e adequados para seu desenvolvimento escolar.

Além de retomar esses conceitos anteriormente mencionados, é necessário também, recuperar o pensamento de Maria Helena de Souza Patto, a primeira autora mencionada nesse artigo, para que haja uma conclusão efetiva do mesmo. Em sua produção, ela buscou apresentar uma interpretação diferente do comum sobre o fracasso escolar e em suas pesquisas, apresentou o fenômeno do fracasso escolar em suas origens, ou seja, como fruto social do capitalismo, pois é mais visível nas classes sociais mais baixas. Além disso, Patto (1999) considerou a influência das teorias estrangeiras no pensamento brasileiro, destacando a Teoria das Raças e a Teoria da Carência Cultural, que tiveram um grande marco na história desse fenômeno, assim como também observou que a criança carente sempre se encontra no foco dos problemas e seu contexto familiar é altamente questionado, o que levava o senso

comum pensar que as crianças pobres não conseguem ser escolarizadas devido às suas condições biológicas, psíquicas ou culturais. Para que seu trabalho abrigasse o conceito da origem do fracasso escolar, a autora menciona Poppovic (1972 apud PATTO, 1999) quanto ao uso inapropriado de alguns termos como “deficiência cultural”, pois alteravam o sentido do que de fato seria uma “ausência cultural” e recorre também à Cunha (1972) ao afirmar que o sistema educacional brasileiro era um instrumento de discriminação e incapaz de ensinar às crianças carentes. Dessa maneira, Patto (1999) propõe que o fracasso escolar seja entendido como resultado de uma produção histórico-social e que deve ser visto como um fenômeno pertencente a um contexto que produz causas e consequências aos indivíduos.

Considerando-se o pensamento de Bernard Lahire e seus estudos sobre os resultados escolares em sua relação com a classe social do estudante, o autor passou a se interessar pelo tema devido à sua própria trajetória acadêmica, sendo ele a primeira pessoa de sua família a chegar até a universidade, mesmo sendo oriundo de um bairro operário. Por causa disso, Lahire iniciou seus questionamentos sobre quais seriam as razões que levavam as crianças ao fracasso ou ao sucesso escolar, tratando-se mais especificamente daquelas pertencentes às classes populares. A base de sua pesquisa está na busca de diferenças familiares secundárias, mas que podem ser analisadas de maneira geral, de forma que o autor baseia sua pesquisa na análise de diferentes particularidades dos contextos da relação família e escola, conectando-a com disposições sociais, mentais e comportamentais de cada criança entrevistada. Dessa forma, Lahire (1997) acredita que o desempenho cognitivo e comportamental de cada criança deve ser compreendido através da reconstrução e análise de suas redes de interdependência, as “teias familiares”, que serão tema de oito subtemas de sua pesquisa, em que agrupa determinados perfis de crianças semelhantes e faz uma breve caracterização geral de qual seria o ponto comum entre eles:

- I. “O elo impossível”, aborda perfis que possuam uma ligação impossível entre o universo familiar e o escolar, pois se trata de pais estrangeiros que possuem uma relação difícil com a língua francesa, e, além disso, contam com uma grande distância cultural que os separa de seus filhos, alegando que a legitimidade familiar é mais importante do que a escolar.
- II. “A herança difícil” é um subtema que se refere ao capital cultural e a sua transmissão às crianças. Tal transmissão depende muito de seus portadores e só pode acontecer através de relações sociais duráveis.
- III. “Da indisciplina à autodisciplina” expõe que é através das formas de exercício de poder que os conhecimentos são construídos ou transmitidos. Dessa forma, é muito importante que as formas de autoridade parental estejam em harmonia

com as exercidas no ambiente escolar, focalizando principalmente a interiorização das normas.

- IV. No subtema denominado de “Sentimento de inferioridade, sentimento de superioridade”, são retratados casos em que os membros da família, muitas vezes, revivem suas experiências escolares através de seus filhos e repassam seus sentimentos a eles, de forma que algumas vezes acabam internalizando esse sentimento e apropriando-se deles. Nesse item também é mencionado a importância do apoio moral, afetivo e simbólico, para que as crianças estabeleçam suas próprias relações com o universo escolar, sem utilizarem da opinião parental para isso.
- V. Os perfis reunidos nesse item, “Configurações familiares heterogêneas”, são formados por famílias que possuem leques de disposições e posições culturais, preferências, comportamentos e de relações com a escola. Essas diferenças familiares são claramente expostas e são caracterizadas como relações de forças, de forma que a escolarização das crianças dessas famílias depende do produto dessas relações.
- VI. Sobre o subtema “Criança no centro da família”, Lahire (1997) reúne os perfis em que a criança é vista como um culto familiar, em que sua família realiza sacrifícios, principalmente financeiros, para darem o melhor para eles e se reorganizam conforme sua vida escolar. Nesse tópico, o autor afirma que muitas dessas crianças vivem como burgueses no seio de meios populares.
- VII. “Investimento familiar positivo ou negativo” trata de perfis cuja mobilização familiar não ocasiona automaticamente o sucesso escolar, pois há quem tenha investido em seus filhos direcionando-os ao sucesso e quem não tenha tido esse êxito, pois a rentabilidade escolar devido ao investimento familiar, varia conforme a configuração considerada.
- VIII. Por fim, o último subtema “Os brilhantes sucessos” apresenta casos de crianças com êxito escolar sem defeitos, que interiorizaram o sucesso escolar como uma necessidade interna e pessoal e que contaram com investimentos mais sólidos.

Levando-se em consideração todos esses aspectos, é possível perceber o tamanho da importância da influência da família na relação de seus filhos com a escola e os demais assuntos escolares. Segundo Paixão (2006) há “um melhor desempenho escolar quando os pais acompanham o trabalho da escola” e, independente da configuração familiar estabelecida, suas funções educativas permanecem as mesmas. Contudo, tal como Lahire (1999) demonstra, as experiências de socialização familiares são diversas, trazendo ao aluno

uma pluralidade de disposições frente à escola. Assim, nem todas as famílias possuem as condições necessárias para preparar seus filhos para a vivência do sucesso escolar.

Crianças de origem popular não podem ser culpabilizadas por seu fracasso escolar, tal como propõe a teoria da carência cultural. Do mesmo modo, suas famílias também não podem assumir toda a responsabilidade pelo rendimento escolar dos estudantes. A esse respeito, afirmam Dessen e Polônia (2007, p. 29):

A família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento. A escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo, mais especificamente na aquisição do saber culturalmente organizado em suas distintas áreas de conhecimento.

Nota-se, portanto, a necessidade do estabelecimento de parcerias entre escola e família. No que se refere ao papel da escola, sugere-se o abandono do discurso acusatório que recai sobre estudantes e familiares, tal como Patto (1999) propõe. A instituição escolar deve considerar a organização do seu próprio trabalho, tendo em vista o atendimento das necessidades dos alunos, além de trabalhar no estabelecimento de parcerias com as famílias dos estudantes. Retomando novamente ao pensamento de Dessen e Polônia (2007, p.28/29):

(...) as escolas deveriam investir no fortalecimento das associações de pais e mestres, no conselho escolar, dentre outros espaços de participação, de modo a propiciar a articulação da família com Dessen, M. A. & Polônia, A. C. (2007). Família e Escola 29 a comunidade, estabelecendo relações mais próximas. A adoção de estratégias que permitam aos pais acompanharem as atividades curriculares da escola, beneficiam tanto a escola quanto a família.

4. REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro; AMÂNDIO, Sofia. Bernard Lahire e a sociologia da educação portuguesa. **Educação, Sociedade & Culturas**. Nº 42, p. 7-25, 2014. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC42_P_%20Abrantes_S_Amandio.pdf Acesso em: 2 ago. 2021.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 36, p. 21-31, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRcV9pN/?lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2021.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica social**. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação. In: **36ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2013, Goiânia. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_sessoes_especiais/se_08_claudionogueira.pdf. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

PAIXÃO, Léa Paixão. Compreendendo a escola na perspectiva das famílias. In: MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues; PAIXÃO, Léa Pinheiro. **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: EdUFMT, 2006, p.57-81.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PEREIRA, Adriana da Silva Alves. **Sucesso escolar de alunos dos meios populares**: mobilização pessoal e estratégias familiares. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=29679. Acesso em: 2 ago. 2021.

UNICEF. Enfrentamento da cultura do fracasso escolar: reprovação, abandono e distorção idade-série. Disponível em: https://trajetoriaescolar.org.br/wp-content/uploads/2021/01/web_unicef-cultura-fracasso-escolar-vf.pdf. Acesso em: 05 set. 2021.

Contatos: marianaromeo14@gmail.com e milena.silva@mackenzie.br